

Instinto e instituição:

desbordes institucionais entre a estética e a clínica



Organizadoras_

Profa. Dra. Maria Amélia Bulhões e Dra. Cristina T. Ribas, co-organizadora
convidada Paula Cobo-Guevara¹

Apresentação_

Desde a experiência da crítica institucional anglo-saxã, se criaram novos diagramas conceituais para repensar a produção (e as condições) das práticas artísticas contemporâneas, a partir das porosidades e encontros com práticas sociais e de novas concepções espaciais dos anos 60, produzindo, entre elas, um desborde disciplinar. Por sua vez, a análise institucional vai produzir experiências, saberes e práticas singulares, também desde uma perspectiva de crítica radical às instituições, neste caso, “entramadas” nas instituições psiquiátricas, escolares, universitárias, de saúde, etc; nomeando estes desbordamentos e modulações sob o conceito de “transversalidade”. De que forma estas duas trajetórias, sejam elas travessias, navegações ou rastejos de pensamento poderiam abrir-se em afetações (afecções) comuns, atualizando experiências, práticas e saberes? De que forma se criam ferramentas, e estratégias que nos dão acesso ao problema da produção de subjetividade e, por tanto, aos modos de existência que subvertem o regime colonial capitalista, racista, antropo-

¹ Paula Cobo-Guevara (MA, Estética e Estudos Críticos, CalArts, California, Doutoranda no Núcleo de estudos da Subjetividade da PUC-SP); Cristina Thorstenberg Ribas (Pós-doutoranda no PPGAV-IA UFRGS, Doutora pelo Goldsmiths College, University of London)

logo-falo-cêntrico?

Neste dossiê damos espaço a algumas produções artísticas, críticas, narrativas e historiográficas que vem surgindo de um caminho traçado na experimentação tênue entre "instinto e instituição", como debateram Gilles Deleuze e Félix Guattari, e outros autores que focam no que poderíamos pensar, talvez estranhamente, por *destituínte*, também para pensarmos uma saúde menor, e junto a ela, uma saúde menor da arte, com a minúsculo. Atentas às novas intervenções (e invenções) institucionais que vem sendo inauguradas e instauradas e às formas de produção social situadas entre os modos da clínica e da cultura convidamos autores para fomentarem esse debate, partilhando seus referenciais e suas ferramentas conceituais, e para compartilharem suas práticas.

Procuramos com esse dossiê reunir a contribuição de pesquisadores, artistas, psicanalistas, psicólogas e psicólogos, profissionais de saúde e mais, investidos nos estudos da subjetividade e em re-situar uma ético-estético-política desses desbordes institucionais. O dossiê **Instinto e instituição** apresenta artigos que surgem de práticas situadas, a partir da análise institucional, da anti-psiquiatria, da saúde e da saúde mental na América Latina e alhures, de clínicas públicas de psicanálise, de práticas artísticas e clínicas, de clínicas ecosóficas, que, cada uma à sua forma, surgem de uma arte das processualidades, de focos de criatividade mutante, não cafetinada, e das formas insubordinadas, fragmentárias e ao mesmo tempo insurgentes diante dos limites institucionais e das forças normotizantes que se solidificam na atualidade, práticas portanto, decoloniais. Mais do que uma reorganização topográfica, de campos ou áreas do conhecimento, nos motivou reunir aqui produções e pesquisas que podemos agarrar pelo desborde, pela barra (como de uma saia), e, porque não, pelo meio mesmo, como acesso ao campo de forças, problemático e inventivo, dessas experiências. Trabalhamos aqui uma vontade que apreendemos da história da análise institucional no Brasil, uma vontade política de produzir novos problemas, que seja uma vontade de invenção que dê passagem a afetos-matéria, e em movimento - entre espaços, grupalidades, instituições.

O dossiê apresenta artigos e ensaios que surgem de práticas situadas, a partir da análise institucional, da anti-psiquiatria, da saúde e da saúde mental na América Latina e alhures, de clínicas públicas de psicanálise, de práticas artísticas e clínicas, de clínicas ecosóficas, que, cada uma à sua forma, surgem de uma arte das processualidades, de focos de criatividade mutante, não cafetinada, e das formas insubordinadas, fragmentárias e ao mesmo tempo insurgentes diante dos limites institucionais e das forças normotizantes que se solidificam na atualidade, demarcando que são práticas portanto, decoloniais. Mais do que uma reorganização topográfica, de campos ou áreas do conhecimento, nos motivou reunir aqui produções e pesquisas que podemos agarrar pelo desborde, pela barra (como de uma saia), e, porque não, pelo meio mesmo, como acesso ao campo de forças, problemático e inventivo, dessas experiências. Trabalhamos aqui uma vontade que apreendemos da história da análise institucional no Brasil, uma vontade política de produzir novos problemas, que seja uma vontade de invenção que dê passagem a afetos-matéria, e em movimento - entre espaços, grupalidades, instituições.

Apresentamos brevemente os artigos de forma a traçar relações prévias entre alguns, sabendo que há, contudo, uma conversa rizomática entre perspectivas, temas, e abordagens ao conformarem e experimentarem diversas passagens e transbordamentos. Ocupando um lugar especial nesse dossiê, o artigo de [Maria Amélia Bulhões](#) nos apresenta que essas conexões não são novas. No artigo "Identidade, uma memória a ser enfrentada" escutamos sobre suas reflexões que analisam a tarefa da arte e da psicanálise nos agenciamentos da memória e das identidades. O artigo, apresentado com palestra ainda na década de 90 nos fala da história das passagens discursivas, teóricas e institucionais que se teciam.

Os artigos de [Veridiana Zurita](#), [Jessica Gogan](#) e [Denise Adams](#), e no artigo de [Luiza Proença](#) podem ser pensados como caminhos de entrada numa conversa a partir das práticas artísticas e dos desbordamentos institucionais. Narram trajetórias e perspectivas apontando caminhos para pensar a produção artística desde um olhar crítico e clínico sob as condições, possibilidades e limites das formas institucionais da arte no encontro com processos clínicos. Nos textos de Gogan e Zurita, mais especificadamente em relação à instituições psiquiátricas; e, na narrativa de Proença, pensando a instituição museal.

Mais situados a partir da lugar da clínica, estão os textos de [Ana Carolina Perella](#), [Kwame Yonatan Poli dos Santos](#) e [Anthony Faramelli](#). A "clínica forasteira" de Ana

Carolina Perella é, por sua vez, um recorrido pela experiência da autora em dois coletivos de psicanalistas trabalhando por fora dos marcos tradicionais do dispositivo clínico. A primeira experiência trata da Clínica do Cuidado e da Psicanálise na região do Rio Xingu na Amazônia, nas populações afetadas pela barragem de Belo Monte, e a segunda experiência na Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo. O artigo de Kwame Yonatan Poli dos Santos, por sua vez, nos leva a pensar sobre os limites e as bordas de uma psicanálise militante que precisa trabalhar o racismo (e posicionar-se antirracista) numa escuta clínica também da história preta da psicanálise no Brasil. Anthony Faramelli faz um recorrido pela prática terapêutica de Frantz Fanon e sua estética decolonial, analisando-a a partir da ético-estética de Félix Guattari, atravessando também o trabalho de Jean Oury.

[Domenico Hur](#), acessa o conceito de Corpo sem Órgãos, a partir de Antonin Artaud e fazendo um percurso conceitual de parte da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para trabalhar a pergunta "Como pensar uma clínica do Corpo sem Órgãos?". Hur pensa suas atualizações na América Latina, apresentando o ferramental da esquizoanálise e do esquizodrama como uma clínica do Corpo sem Órgãos.

No ensaio "Teatro da Alma" de [Maíra Gestner](#), que trabalha como terapeuta e artista, a autora nos leva a visitar sua prática desde uma abordagem em primeira pessoa, abrindo-se a uma perspectiva artística, corporal e expressiva, usando ferramentas provenientes do teatro. Ela já desenvolveu durante muitos anos sessões a partir do processo estético-clínico da "reestruturação do self" de Lygia Clark e, nesse ensaio, compartilha encontros proporcionados pelo Teatro Da Alma, uma criação singular que nasce a partir de várias experimentações entre estes enlaces da autora.

No texto "A Grade", [Susana Caló](#) nos conta um pouco mais sobre a invenção diagramático-semiótica da "grade" no dia a dia da clínica psiquiátrica La Borde, em como esse dispositivo re-organizava funções, e portanto a percepção e a atuação sobre os papéis que cada um ocupava na clínica. Este texto conversa diretamente com os diagramas e desenhos de [Miguel Norambuena e Paulina Varas](#), sobre a clínica do Cotidiano realizada por Norambuena em uma clínica psiquiátrica em Genebra. A clínica do Cotidiano é uma clínica ecosófica, posta em transmissão a partir de conceitos clínicos de Guattari na La Borde, onde Miguel participou e foi analisado.

E, submersos em duas realidades "pandêmicas", temos duas perspectivas da saúde, mas de uma "saúde menor", em dois ensaios que nos contam do dia a dia de um hospital de cuidados paliativos e de um sarau de um grupo de pesquisa. Um ensaio, escrito por [Michel de Oliveira Furquim, Dulce Meire Morais e Maria Clara Polo](#), é o relato do Baphorau, um sarau que aconteceu virtualmente, proposto pelo grupo de pesquisa CPAs-1 da Faculdade de Saúde Pública da USP, apresentado com um grupo de imagens que contam sobre a importância da arte nesses agenciamentos da saúde e da pesquisa em saúde. O que nos conta o CPAs-1 também tem seus pontos de encontro com a quarentena coletiva de um hospital inteiro - os 100 dias de quarentena do Hospital Premier, um hospital de cuidados paliativos em São Paulo, ainda no começo da pandemia de coronavírus, no início de 2020, aqui apresentada pelos diretores do hospital e convidados a refletirem sobre essa experiência na ocasião do lançamento de um filme que apresenta esses 100 dias ("Esquina do Mundo"). Participaram da conversa [Samir Salman, Manuela Salman, Peter Pál Pelbart, Denise Bernuzzi Sant'anna e Maria Goretti Maciel](#).

Nesse dossiê criamos um espaço de conversa, de nossos anteparos e desafios, e quando dizemos "nossos", não significa "nossos" porque nos pertencem ou porque foram perpetrados por nós, mas porque nos apropriamos dessas experiências, e nos deixamos afetar por elas e com elas. Precisamos conversar a partir de multiplicidades, e diferentes posicionalidades desde uma perspectiva micropolítica. Como aponta o coletivo *Sans Ticket (CST) / Grupe de Recherche et Formation Autonome em Micropolítica de los Grupos: para una ecología de las prácticas colectivas* (2010):

Nos distanciamos de aquella aceptación que propone la existencia de un sujeto fijo, que comenta un punto de vista, desde su función, su estatus social, su historia, su posición (el lugar desde el que "mira"). El uso del término "punto de vista", remite a una fuerza remite al encuentro con una fuerza que obliga al pensamiento. Y ese encuentro con un nuevo punto de vista no se puede atribuir a una identidad formada debido al hecho mismo que no disponemos de esquemas preparados para reconocerlo, ni disponemos a priori, hacer de él un objeto.

Tentamos humildemente, às vezes torpemente, neste dossiê, recolher, coletar e plantar práticas e transmissões de intensificação de uma saúde menor. Criar, e mergulhar nas palavras que deixem a vida passar, vibrar. Inventando conversas como forma de encontrar-se, mas também de extraviar-se. E ou como numa conversa xamânica, abandonando certas palavras precisas, para agarrar nelas a sua vibração.

Artigos e ensaios_

Maria Amélia Bulhões, *Identidade, uma memória a ser enfrentada*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110342>

Cristina Ribas e Paula Cobo-Guevara, *Línguas sem posse - em direção a um inconsciente menor institucional*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110374>

Ana Carolina Perella, *A experiência de uma clínica forasteira: algumas considerações*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/108805>

Anthony Faramelli, *Crisis and the Aesthetics of Decoloniality: Institutional Psychotherapy and Fanon's Ethico-Aesthetic Paradigm*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/111741>

Domenico Uhng Hur, *A Clínica do Corpo sem Órgãos: Esquizoanálise e Esquizodrama*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110078>

"Esquina do Mundo", *a quarentena de um hospital de cuidados paliativos*, com Samir Salman, Manuela Salman, Peter Pál Pelbart, Denise Bernuzzi Sant'anna, Maria Goretti Maciel.
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110164>

Jessica Gogan, *Cardumes, auras e bainhas: Trêsformance de Arlindo*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109420>

Kwame Yonatan Poli dos Santos, *Relações raciais: uma questão para psicanálise?*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109897>

Luiza Proença, *Arte e resistência micropolítica: o museu-clínica como exercício de hospitalidade*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110119>

Maíra Geistner, *Teatro da Alma*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109120>

Michel de Oliveira Furquim, Dulce Meire Morais, Maria Clara Polo, *BAPHORAU - A arte como cuidado, saúde e ciência*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110110>

Paulina E. Varas y Miguel D. Norambuena, *Diagramas y dibujos sobre la Clínica del cotidiano ecosófica y los procesos de sanación*
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109460>

Susana Caló, *A Grade* (Tradução de Felipe Drago)
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109294>

Veridiana Zurita, "Quem atirou em nós errou!"
<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/106872>

2 Vercauten, Oliver; Crabbé, Olivier & Muller, Thierry. *Micropolítica de los grupos*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010.